JESUITAS BRASIL

Cadernos
IHU ideias

ISSN 1679-0316 (impresso) | ISSN 2448-0304 (on-line)
Ano 20 | nº 342 | vol. 20 | 2022

Grupo Emaús.
48 anos de resistência e fé libertadora

Edward Guimarães, Lúcia Ribeiro e Tereza Pompeia - (org.)

Volume III

Cadernos
IHU ideias
ISSN 1679-0316 (impresso) | ISSN 2448-0304 (on-line)
Ano 20 | nº 342 | vol. 20 | 2022

GRUPO EMAÚS
48 anos de resistência e fé libertadora

Organizadores: Edward Guimarães, Lúcia Ribeiro e Tereza Pompeia

VOLUME III

INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS

UNISINOS

Cadernos IHU ideias é uma publicação periódica e digital do Instituto Humanitas Unisinos – IHU que apresenta artigos produzidos por palestrantes e convidados(as) dos eventos promovidos pelo Instituto, além de artigos inéditos de pesquisadores em diversas universidades e instituições de pesquisa. A diversidade transdisciplinar dos temas, abrangendo as mais diferentes áreas do conhecimento, é a característica essencial desta publicação.

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS
Reitor: Sérgio Mariucci, SJ
Vice-reitor: Artur Eugênio Jacobus

INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS - IHU
Diretor: Inácio Neutzling, SJ
Diretor-adjunto: Lucas Henrique da Luz
Gerente administrativo: Nestor Pilz

ihu.unisinos.br

Cadernos IHU ideias
Ano XX – Nº 342 – V. 20 – 2022
ISSN 2448-0304 (on-line)

Editor: Prof. Dr. Inácio Neutzling, SJ – Unisinos
Conselho editorial: Bel. Guilherme Tenher Rodrigues; Dra. Cleusa Maria Andreatta; Dr. Lucas Henrique da Luz; Dra. Marilene Maia; Dra. Susana Rocca; Dr. Ricardo de Jesus Machado.
Conselho científico: Adriano Naves de Brito (Unisinos, doutor em Filosofia); Angelica Massuquetti (Unisinos, doutora em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade); Berenice Corsetti (Unisinos, doutora em Educação); Celso Cândido de Azambuja (Unisinos, doutor em Psicologia); César Sanson (UFRN, doutor em Sociologia); Gentil Corazza (UFRGS, doutor em Economia); Suzana Kilpp (Unisinos, doutora em Comunicação).
Projeto Gráfico: Ricardo de Jesus Machado
Responsável técnico: Guilherme Tenher Rodrigues
Imagem da capa: PxHere
Revisão: Pedro Henrique Barbosa de Brito
Editoração: Guilherme Tenher Rodrigues

Cadernos IHU ideias / Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Instituto Humanitas Unisinos. – Ano 20. São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2003- .v. 20.
Publicado também on-line: <http://www.ihu.unisinos.br/cadernos-ihu-ideias>.
Descrição baseada em: Ano 1, n. 1 (2003); última edição consultada: Ano 19, n. 326 (2021).
ISSN 2448-0304
1. Sociologia. 2. Filosofia. 3. Política. I. Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Instituto Humanitas Unisinos.

Bibliotecária responsável: Carla Maria Goulart de Moraes – CRB 10/1252

As posições expressas nos textos assinados são de responsabilidade exclusiva dos autores.

Instituto Humanitas Unisinos – IHU
Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos
Av. Unisinos, 950, 93022-750, São Leopoldo/RS, Brasil

Apresentação

Este terceiro volume do Grupo Emaús nos Cadernos IHU Ideias que apresentamos compartilha memórias afetivas e caras, relatadas por pessoas que ajudaram a concretizar a caminhada do grupo de Emaús. Mais que um registro histórico, conseguem expressar juntas a riqueza de uma jornada fecunda e inspiradora, forjada no amálgama da resistência, da profecia e da fé libertadora.

O grupo de Emaús teve início no ano de 1974, quando Frei Betto, Frei Fernando de Brito e Ivo Lesbaupin – que acabavam de sair da prisão – decidiram formar um grupo capaz de "*articular a reflexão teológica com o método marxista de análise da realidade*", nas palavras de Frei Betto. Isso porque, sem uma análise crítica da injusta situação da América Latina, a fé cristã não se faz boa nova para os pobres e sofredores, perde sua capacidade de fermentar a transformação das estruturas injustas da sociedade e tende a deixar atrofiar a intrínseca dimensão libertadora do Reino de Deus. Convidaram então Carlos Mesters, Leonardo Boff, e João Batista Libanio para uma primeira reunião, que se realizou no Convento Madre Regina, em Petrópolis, e da qual participaram também, por uma única vez, Frei Eliseu Lopes e Frei Mateus Rocha.

Em uma época de violenta repressão, em plena ditadura, era importante que tal objetivo não ficasse ex-

plícito; mantinha-se um certo sigilo e o motivo oficial da reunião seria escrever artigos de catequese para a Revista Vozes... "*O grupo não tinha nome, nem devia ter. Alguns o chamavam de 'grupo zero', que não existia*", relata Carlos Mesters.

À reunião inicial seguiu-se uma segunda, no mesmo local; e já então se uniram ao grupo Pedro de Assis Ribeiro de Oliveira, Orestes Stragliotto e Antonio Cecchin, assim como Paulo Ayres e Jether Ramalho, garantindo a dimensão ecumênica. A partir de então, as reuniões passaram a se realizar duas vezes por ano. Outras pessoas foram sendo convidadas e se agregaram ao grupo; aos teólogos e pastoralistas – como José Oscar Beozzo, Marcelo Barros, Clodovis Boff, Manfredo de Oliveira, Benedito Ferraro, Faustino Teixeira – vieram somar-se cientistas sociais como Luiz Alberto Gomez de Souza e Luiz Eduardo Wanderley.

No início eram só homens, na sua maioria presbíteros e religiosos. Mas em 1976 (ou 1977?) entrou a primeira mulher, Maria José Rosado Nunes – a Zeca, como é conhecida. A ela se seguiram várias outras: Maria Clara Bingemer, Lucília Ramalho, Maria Helena Arrochellas, Lucia Ribeiro, Tereza Cavalcanti, Márcia Miranda, Mariangela Belfiore, Maria Teresa Bustamante.

Algumas vieram sós, outras vieram junto com seus companheiros: no caso dos casais, o grupo se abre também para receber os cônjuges. Assim, teólogas mulheres trouxeram os maridos: Ekke Bingemer e Teófilo Cavalcanti. Cientistas sociais e teólogos leigos vieram trazendo as mulheres. Algumas se integraram realmente, como membros do grupo, outras não.

Ao mesmo tempo, foram convidados e se integra-

ram ao grupo outros evangélicos, como Milton e Rosileny Schwantes, Julio e Violaine de Santa Ana, e, mais recentemente, Edson Fernando, Claudio de Oliveira Ribeiro, Magali Cunha e Romi Bencke, garantindo maior abertura e concretização da dimensão ecumênica.

Na primeira etapa, havia uma grande coesão de pensamento e um certo consenso ideológico no grupo, embora, desde o início a diversidade de opiniões fosse respeitada. Entretanto, no início dos anos 90, o contexto social mudou: a crise do socialismo real e a derrota sandinista na Nicarágua, por um lado, e, por outro, um contexto eclesial mais fechado – "*a volta à grande disciplina*", expressão consagrada na análise teológica de Libanio, ou a chegada do "*inverno na Igreja*", nas palavras de Maria Clara, levaram a uma certa crise dos setores de esquerda, que se refletiu no grupo. Em 1993, em uma reunião em Juiz de Fora, por ocasião dos 50 anos de Pedro Ribeiro de Oliveira, este chegou a sugerir que o grupo terminasse, e vários o apoiaram. Outros, porém, reagiram, temendo perder um espaço precioso de reflexão, de troca de experiências e de convívio fraterno e lutaram pela sua "refundação". Um ano depois, na reunião em Goiás-Go, celebrando o aniversário de Marcelo Barros, o grupo renascia, agora com o novo nome de "Grupo de Emaús".

Desde então, a diversificação e a pluralidade se intensificaram, alimentando a reflexão e a troca de ideias e de experiências. Novas pessoas vieram se integrando, ao longo do tempo: Afonso Murad, Edward Guimarães, Alessandro Molon, Sinivaldo Tavares, Luiz Carlos Susin, Francisco Aquino Junior, Tereza Sartorio, Rosemary Costa, Celso Carias, Fernando Altemeyer,

Leu Cruz, Sarah Telles e recentemente Cesar Kuzma, Chico Alencar, Chico Pinheiro, Lusmarina Garcia e Maurício Abdala.

Houve também pessoas que participaram apenas de 1 ou 2 reuniões, mas não chegaram a fazer parte do grupo, como Ivone Gebara, Zwinglio Dias, Rubem Alves e Frei Claudio von Ballen. Finalmente, alguns vieram como convidados, uma única vez: Herbet de Souza (Betinho), Boaventura de Souza Santos, Michael Löwy, Luiz Dulci, Gilberto Carvalho.

Para Leonardo Boff, o grupo "*é uma comunidade de destino, onde prática, reflexão e oração estão ligadas*". O grupo não tem nenhuma relação oficial com qualquer instituição eclesial e não tem pretensão de poder nem na Igreja nem na política. "*É um grupo de serviço à Igreja da Libertação*", define Pedro Ribeiro.

Ao longo dos anos, o grupo produziu frutos consistentes: assessorias às Comunidades Eclesiais de Base e a seus encontros nacionais, denominados intereclesiais; curso anual de atualização teológica para bispos da América Latina; criação do Movimento Fé e Política, do CESEEP (Centro Ecumênico de Serviço à Evangelização e Educação Popular), e do CEBI (Centro Ecumênico de Estudos Bíblicos), do Curso de Verão (em várias capitais, destinados a militantes de pastorais sociais, grupos de base e movimentos populares). O grupo incentivou também a edição da coleção "Teologia da Libertação", pela editora Vozes, e alguns de seus membros deram assessoria às Campanhas da Fraternidade, promovidas anualmente pela CNBB e, algumas vezes, com o CONIC, assim como à realização dos Encontros de Espiritualidade para Jovens. O grupo mantém ainda um projeto de publicações de cartilhas:

o primeiro número, sobre "Ideologia de gênero", elaborado por Frei Betto, foi publicado em 2018.

O grupo alimenta uma reflexão coletiva, que se reflete nas diversas atividades de seus membros: assessorias, palestras, publicações, participação em outras organizações, como CEHILA, Teologia Feminista, ou o antigo grupo de Mulher e Teologia (ISER). Tem também um impacto nas igrejas cristãs. "*Nas nossas andanças teológicas, o grupo Emaús está sempre presente, como referência, como apoio, como lugar de pertença*", afirma Maria Clara.

Além do cultivo da amizade e da cumplicidade, a dinâmica consagrada pelo grupo se concretiza através de reuniões que se realizam duas vezes por ano, em um fim de semana. O programa inclui troca de experiências – que chamamos "Cosa Nostra" – uma análise da conjuntura social e eclesial, um tema de estudo – cujo conteúdo varia muito – e, no domingo, a Celebração Eucarística, cuidadosamente preparada, em um clima de muita liberdade e participação de todos e todas. Além das refeições compartilhadas, há também tempo dedicado ao lazer e à convivência fratersororal.

No início o grupo se reunia em Petrópolis, mas algumas vezes se reuniu em outros lugares (São Paulo, Juiz de Fora, Goiás); ultimamente se divide entre Corrêas (Casa Santo Inácio) e o convento Madre Regina, em Petrópolis.

Finalmente, não podemos esquecer os que partiram definitivamente: "*O Grupo de Emaús tem parte na comunhão dos santos. Alguns atravessaram a tênue fímbria que separa o tempo da eternidade*" lembra Leonardo. Assim, Orestes Stragliotto, Milton Schwantes, João Batis-

ta Libanio, Antônio Cecchin, Lucília Ramalho, Olinto Pegoraro, Fernando de Brito e Luiz Alberto Gómez de Souza continuam, de forma misteriosa, mas muito real, presentes entre nós.

Apresentamos, a seguir, os testemunhos de alguns dos participantes do Grupo de Emaús. Estes possibilitam conhecer, através de perspectivas pessoais, a riqueza coletiva de uma caminhada que já ultrapassou o marco dos 40 anos de fé e coragem, resistência e luta, esperança e amizade fraterna.

Cada relato recupera uma memória própria, e, ao mesmo tempo, traduz as experiências e os questionamentos pessoais e coletivos. Neste sentido, pode-se dizer que as memórias do grupo Emaús são grávidas de vida e profecia. Desejamos que elas mobilizem e interpelem os leitores e as leitoras para a participação comprometida na construção diária de "*outra sociedade possível*" e, ao mesmo tempo, de "*outra Igreja possível*".

Neste terceiro volume você encontrará os relados da memória de:

1. Claudio de Oliveira Ribeiro
2. Edward Guimarães
3. Faustino Teixeira
4. Rosemary Fernandes da Costa
5. A guisa de conclusão

Edward Guimarães, Lúcia Ribeiro e Tereza Pompeia

(Organizadores)

MEMBROS

Frei Betto, Ivo Lesbaupin, Leonardo Boff, João Batista Libanio (in memorian), Frei Carlos Mesters, Jether Ramanho (in memorian), Pedro Ribeiro de Oliveira, Marcelo Barros, Luiz Alberto Gómez de Souza (in memorian), Lúcia Ribeiro, Orestes Stragliotto (in memorian), Antônio Cecchin (in memorian), Maria Clara Bingemer, José Oscar Beozzo, Milton Schwantes (in memorian), Luiz Eduardo Wanderley, Mariangela Belfiore, Julio de Santa Ana, Violaine de Santa Ana, Olinto Pegoraro (in memorian), Ekke Bingemer, Benedito Ferraro, Faustino Teixeira, Claudio Ribeiro, Magali Cunha, Manfredo de Oliveira, Tereza Cavalcanti, Theófilo Cavalcanti, Maria Helena Arrochellas, Márcia Miranda, Fernando Altemayer, Afonso Murad, Edward Guimarães, Andréa Guimarães, Edson Fernando, Alessandro Molon, Celso Carias, Aurelina Cruz (Leu), Tereza Sartorio, Rosemary Fernandes, Rose Schwantes, Maria Teresa Bustamante, Sinivaldo Tavares, Francisco Aquino Júnior, Luiz Carlos Susin, Chico Alencar, Sarah Telles, Romi Bencke, Cesar Kuzma, Chico Pinheiro, Lusmarina Garcia, Maurício Abdala, dentre outros.

Meus Vinte e Cinco Anos na Caminhada de Emaús

Claudio de Oliveira Ribeiro

Doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro e coordenador para Pós-graduação Profissional da Área Ciências da Religião e Teologia, da Capes

> Quero trazer à memória
> o que me pode dar esperança.
> (Jeremias 3, 21)

Em 1994 eu participei pela primeira vez do grupo Emaús, ou, como eu o conhecia, o "grupo de Petrópolis". Naquela época eu estava com 32 anos de idade e já havia "rodado" um pouco nas estradas do pastorado e em outros círculos de ação política, pastoral e teológica. Não obstante isso, o grupo de Emaús me chamava de "jovem" e creio que fui convidado a participar dele por essa motivação: ser jovem. Pensar hoje sobre o grupo Emaús e dar um depoimento sobre o que ele representa para mim é repisar esses caminhos, lembrar

Edward Guimarães, Lúcia Ribeiro e Tereza Pompeia

de muita coisa boa na minha vida, é falar de mim e dos outros, dentro da lógica de alteridade profunda do "Eu e Tu", de Martin Buber.

Quando o grupo completou 45 anos de existência (em 2019), eu me dei conta de que havia partilhado 25 anos dele... É como a canção popular, de Lulu Santos:

> Nada do que foi será
> De novo do jeito que já foi um dia
> Tudo passa
> Tudo sempre passará
> A vida vem em ondas
> Como um mar
> Num indo e vindo infinito
> Tudo que se vê não é
> Igual ao que a gente
> Viu há um segundo
> Tudo muda o tempo todo
> No mundo

Sempre me senti muito à vontade e bem acolhido no grupo. Embora não fosse fácil, pois boa parte dele tinha sido de professores e professoras que eu havia tido em minha trajetória. Em 1987, eu e minha esposa, Magali Cunha, recém-casados, havíamos feito o curso pastoral do Cesep (Centro Ecumênico de Serviço à Evangelização e à Educação Popular), em São Paulo. Lá tivemos contato com José Oscar Beozzo e Julio de Santa Ana, ambos do grupo e articuladores do Cesep. Nós tivemos aulas com eles e também com Jether Pereira Ramalho, Frei Betto e Leonardo Boff, todos do grupo. Encontrá-los em Emaús foi algo marcante e desafiador.

É fato que anteriormente eu já havia tido como professores de forma indireta muitos integrantes do grupo no meu curso de teologia, que fiz no Seminário Metodista Cesar Dacorso Filho, no Instituto Bennett (1981-1985). Isso se deu pelas leituras de suas obras. De forma direta, por um semestre tive aulas com Olinto Pegoraro e guardo até hoje a lembrança delas. Com os demais o contato foi com os seus livros. Ah... eram encantadoras as leituras. Nos anos que convivo em Emaús, a lembrança dessa formação é sempre presente. A leitura do meu tempo de estudante que mais me marcou foi a dos famosos três livrinhos de João Batista Libânio: *A Formação da Consciência Crítica* (Vozes). O título já diz tudo de uma época onde a minha cabeça andava "a mil", cheia de sonhos e de perspectivas de uma nova igreja e de uma nova sociedade. Pude vislumbrar a possibilidade de uma nova igreja com a crítica profética (protestante, dizíamos!) de Leonardo Boff com o seu *Igreja: Carisma e Poder* (Vozes). De Carlos Mesters marcou-me a leitura de *Paraíso Terrestre: saudade ou esperança?* (Vozes), pois com ele meus olhos se abriram para ver o futuro e não ficar preso ao fundamentalismo do passado como eu aprendera. De Milton Schwantes, eu havia lido vários textos, alguns deles mimeografados, outros publicados pelo CEBI (Centro de Estudos Bíblicos), que é fruto do trabalho de Emaús, e pelo CEDI (Centro Ecumênico de Documentação e Informação). Nessa jornada li *Nossos Pais nos Contaram*, de Marcelo de Barros. Em todos os textos se revelava o amor pelos pobres, a valorização deles, o reconhecimento do amor preferencial de Deus por eles. Vejam como Emaús já estava presente na minha vida antes mesmo de eu participar das reuniões.

E o jorrar incessante da sabedoria continuava... De Clodovis Boff, de quem sinto falta nas reuniões do gru-

po, li/devorei *Teologia e Prática: a Teologia do Político e suas mediações* (Vozes), com o qual aprendi o método "ver-julgar-e-agir" e também o famoso livrinho, escrito junto com Leonardo, mas com o "dedinho" do Jether na questão ecumênica: *Como Fazer Teologia da Libertação* (Vozes). Pronto! Meu itinerário espiritual estava delineado. A Teologia da Libertação entrara decisivamente em meu coração e mente. Era o início da década de 1980 e todas essas leituras banhavam o meu gosto em conviver com as famílias pobres da Baixada Fluminense nos meus anos de trabalho pastoral no Rio de Janeiro, que se estenderam até o ano 2000. É como se eu não parasse de cantar:

> Quero a utopia, quero tudo e mais
> Quero a felicidade nos olhos de um pai
> Quero a alegria muita gente feliz
> Quero que a justiça reine em meu país
> Quero a liberdade, quero o vinho e o pão
> Quero ser amizade, quero amor, prazer
> Quero nossa cidade sempre ensolarada
> Os meninos e o povo no poder, eu quero ver

Nessa jornada li também *Pelas Trilhas do Mundo a Caminho do Reino* (Editeo), de Julio de Santa Ana, com o qual compreendi melhor a prática ecumênica e a igreja dos pobres, *Prática Educativa e Sociedade* (Zahar), de Jether Ramalho, com o qual aprendi sobre a educação protestante brasileira, *Religião e Dominação de Classe* (Vozes), de Pedro Ribeiro de Oliveira, e *Classes Populares e Igreja nos caminhos da História* (Vozes), de Luis Alberto Gomes de Souza, *Classes Populares e Direitos Humanos*, de Ivo Lesbaupin (Vozes), um texto do Luiz

Eduardo Wanderley em *Movimento Popular Política e Religião* (Loyola), cujos títulos foram suficiente motivação para eu comprar os livros, embora não tivesse muitos recursos para isso. Também me marcaram nesse período professores que não encontrei no grupo, como Zwinglio Dias, Ivone Gebara e pessoas que li como Rubem Alves, Gustavo Gutierrez, José Comblin e tantos outros.

Nessa época, aprendi que a teologia precisa sentir-se constantemente desafiada pelas visões sociais, políticas e científicas e pelas demandas que a sociedade apresenta, não se confinando aos dogmatismos eclesiásticos que somente empoeiram nossa visão. Aprendi também que a teologia, embora esteja longe de ser comparada com "a" Palavra de Deus, é também cortante, como faca de dois gumes, que fala para fora e para dentro, que alumia a alma, que espedaça a existência humana, mas que pode cooperar para reconstruí-la em sua integralidade.

O que quero dizer é que o grupo de Emaús já estava comigo desde jovem; ou desde quando eu era *realmente* jovem. Muitos desses irmãos eu os vi em palestras e cursos, especialmente no Instituto Metodista Bennett, no bairro do Flamengo, no Rio de Janeiro, na época um importante centro de circulação do pensamento teológico ecumênico e libertador. Quem não se lembra do ato de apoio a Leonardo Boff contra o silenciamento a ele imposto pela hierarquia da Igreja Católica Romana que mobilizou amplos setores da sociedade? Pois é, foi lá no Bennett e eu, jovenzinho, estava lá.

Quem conhece a história, sabe que os anos de 1980 foram encantadores! Abertos pela revolução sandinista na Nicarágua (julho de 1979), acolhidos pelo fortaleci-

mento de movimentos sociais, associativos e sindicais, esses anos, que coincidem com os da minha juventude, foram memoráveis, especialmente para quem acreditava que as igrejas e a sociedade passariam por transformações profundas que as tornassem mais justas, participativas e marcadas pela paz e pela solidariedade humana. E cantávamos com Beto Guedes:

> Vamos precisar de todo mundo
> Um mais um é sempre mais que dois
> Pra melhor juntar as nossas forças
> É só repartir melhor o pão
> Recriar o paraíso agora
> Para merecer quem vem depois...
> Deixa nascer, o amor
> Deixa fluir, o amor
> Deixa crescer, o amor
> Deixa viver, o amor
> O sal da terra

Mas, houve um segundo momento anterior à minha entrada no grupo onde tive também um bom contato com integrantes dele. Foi em 1989, por ocasião da preparação e a realização do 7º Encontro Intereclesial de Comunidades Eclesiais de Base. Convidados pelo bispo D. Mauro Morelli, da Diocese de Duque de Caxias e São João do Meriti, nós da Igreja Metodista e de outras igrejas evangélicas ajudamos na organização do encontro. Lá eu encontrei o Beozzo, Ivo Lesbaupin, Frei Betto, Pedro Ribeiro, Faustino Teixeira (o querido Dudu, que todos diziam que eu me assemelhava fisicamente com ele), Márcia Miranda, Maria Helena Arrochelas, Leonardo Boff, Jether Ramalho, Tereza Ca-

valcanti, Lúcia Ribeiro e Antônio Cecchin. Com esse último, eu tive o prazer de ir a uma viagem a Paris para um encontro de Comunidades Cristãs de Base da Europa e lá ficamos próximos e estreitamos uma boa amizade. Depois disso, segui acompanhando e depois assessorando os Intereclesiais das Cebs, que se reuniram em Santa Maria-RS (1992), São Luiz-MA (1997), Ilhéus-BA (2000), Ipatinga-MG (2005), Porto Velho-RO (2009), Juazeiro do Norte-CE (2014) e Londrina-PR (2018). Em todos esses encontros, foi ótimo ter a companhia de quase todos do grupo e, nos mais recentes, trabalhar com o Benedito Ferraro, com o Manfredo Araújo e com o Celso Carias.

Mas ainda não chegou o tempo da minha participação em Emaús...

Eu mencionei que boa parte dos seus integrantes tinha sido meus professores. Pois bem. Em 1991, ingressei no mestrado em Teologia na PUC-Rio. Lá tive como professores e professoras outros de Emaús. Durante quase uma década, a de 1990, percorri com muita satisfação os caminhos da Gávea para os meus estudos de Pós-Graduação em Teologia. Após intenso trabalho de assessoria a movimentos populares, comunidades eclesiais de base e grupos ecumênicos, tanto na Baixada Fluminense, onde eu morava, como em distintas partes do Brasil devido a minha atuação no Centro Ecumênico de Documentação e Informação (CEDI, hoje Koinonia), fui recebido na PUC.

O finalzinho dos anos 80 nos trouxera outro quadro... Era a época do fortalecimento dos reajustes econômicos neoliberais. No campo ideológico, iniciava-se uma nova etapa política com o declínio dos

estados socialistas. Isso influenciou bastante a reflexão teológica e as práticas pastorais, gerando perplexidade e certa imobilização, especialmente para a teologia latino-americana, devido às suas bases utópicas. É certo que não havia ainda nas igrejas uma nitidez das propostas de grupos mais fechados como temos hoje. Elas eram incipientes, mas já falavam sobre o poder e já se distanciavam das formas de espiritualidade mais singelas e despojadas que marcaram as experiências de avivamento religioso no passado, e começavam a se interessar pelos espaços de poder, incluindo a disputa pela gestão das instituições de ensino secular e teológico. E os blocos de esperança e de entusiasmo utópico foram ruindo passo a passo. Estávamos entrando nos anos de 1990, depois da chamada "década perdida", mas que para mim, mesmo em meio a certa perplexidade e frustração, talvez, tenha sido um "bom achado".

De tantos aspectos marcantes no período de estudos na PUC, destaco o ambiente plural e a convivência afetiva entre professores e estudantes, pastores, padres, leigos e leigas. Tudo isso acompanhado, é claro, por seriedade acadêmica, solidez da formação dos docentes e boa estrutura institucional. Em relação aos docentes, o ponto alto era a contribuição dos leigos. Isso é fundamental na formação teológica! Os espaços clericalizados estão fadados ao insucesso e à irrelevância. E todos nós estudantes vibrávamos com as aulas de Faustino Teixeira, Tereza Cavalcanti, Maria Clara Bingemer, para citar os que são de Emaús. Sou igualmente muitíssimo grato a eles/as porque me ajudaram a pensar a fé e a igreja em uma lógica plural, participativa, comunitária e crítica.

E chegou o dia de minha primeira reunião do "grupo de

Petrópolis"...

Eu havia sido contatado por Jether Ramalho, com quem trabalhava no CEDI, e que havia aprendido a admirar pelo compromisso ecumênico dele, sua disposição em sempre olhar a conjuntura política a partir da situação de vida e da lógica das pessoas pobres, e não da nossa, marcadamente de classe média. O mesmo pensava da Lucília Ramalho, sua esposa, a quem muito admirava. Fiquei bem à vontade, pois o ambiente era muito acolhedor. Embora eu estivesse no meio dos meus "professores" de outrora, e isso desse certo "friozinho na barriga", sempre me expressei com liberdade e confiança. Era o ano em que Nelson Mandela fora eleito presidente da África do Sul, o que nos enchia de esperança com o fim do apartheid e nossas expectativas de uma sociedade sem opressão. Mas, também foi o ano em que Fernando Henrique Cardoso elegeu-se presidente do Brasil e adiou, mais uma vez o nosso sonho de um governo popular.

Fiquei deslumbrado com a capacidade de análise de conjuntura feita pelos integrantes do grupo. Eu já havia tido essa impressão no contexto da Igreja Metodista quando recebíamos Herbert de Souza, o Betinho, em nossos encontros de pastores, para análise de conjuntura. Agora, em Emaús, estávamos fazendo o mesmo; e o mais importante para mim: coletivamente. Cada um dando o seu "palpite", a sua visão, o seu questionamento. E depois, nos governos Lula e Dilma do meu Partido dos Trabalhadores, como foi sofrido! Pois uma coisa é criticar as lógicas conservadoras das políticas neoliberais dos governos anteriores; outra coisa era ver as contradições e ambiguidades no "nosso" governo. Guardo com emoção o relato de Gilberto Car-

valho, convidado pelo grupo, sobre o abraço do presidente Lula às pessoas vítimas de hanseníase lá mesmo no Palácio do Planalto, quando interrompeu sua agenda presidencial para recebê-los. Eu até me esqueci das contradições do governo dele. Também a presença de Luiz Dulci, também do núcleo-duro do governo, falando dos percalços e possibilidades de mudança social.

E os anos foram passando, as reuniões semestrais sempre marcando a minha caminhada. Conheci a Teíta, o Ernanne Pinheiro, a Mariângela Wanderley, o Afonso Murad, o Sinivaldo Tavares, a Tereza Sartório, o Teófilo Cavalcanti, o Sérgio Coutinho, a Andréa e o Edward Guimarães, o Ekke, a Rosi Schwantes, o Luiz Carlos Susin, o Alessandro Molon e o Chico Alencar. O Edson Fernando, que já conhecia do tempo em que dei aulas de teologia no Bennett, a Rose Costa, a Leo e o Cesar Kuzma, já eram amigos e foram bem recebidos. Senti falta do Fernando Altemeyer no grupo no decorrer dos anos.

Viver é interpretar

Para mim, nesses vinte e cinco anos de convivência em Emaús, uma de suas marcas é a espiritualidade comunitária. Aí se juntam orações, conversas, debates, cafezinhos, queijos e vinhos. A espiritualidade humana é dom de Deus. Penso que para o grupo há a convicção que, dentro de uma série de aspectos que marcam a vivência humana, está a incessante busca de superação de limites, do ir além das contingências e das ambiguidades históricas, da procura por absolutos que possam redimensionar a relatividade e a precariedade da vida. Não tem sido essa a nossa vivência em Emaús?

As experiências religiosas, historicamente, pretenderam e pretendem possibilitar respostas para essa busca. Na diversidade de tais experiências confluem elementos os mais diversos, desde os preponderantemente numinosos, "santos", espontâneos e indicadores de uma transcendência até aqueles marcadamente ideológicos, facilmente identificados como reprodução de filosofias ou culturas e artificialmente criados. E o grupo de Emaús foi e é implacável em cultivar tal crítica e nisso nos apoiamos mutuamente.

Em minha humilde visão protestante trago o olhar crítico das teologias modernas e contemporâneas que produziu uma saudável distinção entre fé e religião. Nisso, creio que tenho a companhia do Marcelo Barros, mas não somente dele. É fato que tal relação é complexa e possui numerosas implicações, mas é preciso afirmar que a primeira, a fé, requer uma espiritualidade que, embora seja autenticamente humana, vem de uma realidade que transcende as engrenagens históricas. Ela é recebida, acolhida. A espiritualidade humana, irmã da fé, é dom de Deus.

Nesse sentido, o olhar teológico de Emaús, como aprendi, se detém nas realidades humanas e históricas, para discernir as formas religiosas e culturais e compreender o que elas mostram ou o que ocultam. Ao mesmo tempo, a teologia movimenta-se para o 'alto' e para o 'profundo' da vida para perceber o dom gratuito de Deus doador de sentido e de significado último para a humanidade e para o cosmo. O que desejamos é que a teologia não perca o seu caráter espiritual, mesmo que ande pelas mais áridas veredas da racionalidade científica e política como fazemos nós, os caminhantes de Emaús.

Como não podemos nos abstrair da vida para fazer o julgamento que em geral desejamos fazer sobre ela – preciso, verdadeiro, calculado, irrefutável –, a espiritualidade, como clima da fé, ganha os contornos que, se estivermos atentos para perceber, constituem a própria natureza: o de aventura (*ad ventura*). A espiritualidade é uma forma de viver.

Nossa espiritualidade, uma vez recebida sob os influxos divinos de uma decisão existencial que valoriza o amor, a justiça e a alteridade, em geral produz diferentes frutos. Compreendemos que, pela graça de Deus, "uma força estranha no ar" move e remove percepções a ponto de vermos o que não está mostrado: que "um outro mundo é possível", como nos indicaram os Fóruns Sociais Mundiais, que as pessoas têm valor independentemente de suas condições sociais e econômicas, que o amor de Deus é preferencialmente direcionado aos mais pobres, que a paz e a justiça andam juntas, que o amor e o respeito devem prevalecer nas relações humanas, que a salvação vem de Deus e é universal, não se limitando a uma igreja ou religião específicas, que Deus é maior do que todas as coisas. Esse tipo de espiritualidade não se aprende em livros ou conceitos teológicos, filosóficos ou políticos. Ele vem com a fé.

E como será daqui a vinte e cinco anos?

Se seguirmos a visão bíblica da memória não podemos falar somente do passado. Ela é linha imaginária que costura as experiências vividas com o discernimento do tempo presente e com as possibilidades de futuro. A celebração que hoje fazemos dos 45 anos do grupo Emaús possui forte sentido espiritual, pois

possibilita tal costura. Caso contrário seria saudosismo vazio. Trata-se de um *kairos* que pode ser aproveitado por todos/as nós.

Mas falar sobre o futuro é uma das tarefas mais difíceis da vida! Na tradição cristã, as pessoas que se aventuraram a isso, como os profetas, por exemplo, foram duramente criticadas, vistas, por vezes, como desajustadas e, dependendo da visão que tiveram, foram mortas. O futuro é implacável! Dele sabemos apenas que a morte nos espera. Tudo mais é teologia, interpretação, apostas existenciais, fé.

O teólogo Jürgen Moltmann, reconhecido como um homem de visão, já nos chamava a atenção em sua *Teologia da Esperança*:

> Mas como falar de um futuro que ainda não existe, e de acontecimentos vindouros aos quais ninguém assistiu? Não se trata de sonhos, especulações, desejos e temores, que todos necessariamente permanecem vagos e indecisos, já que ninguém os pode comprovar? (...) Não é possível haver logos [conhecimento] do futuro, a não ser que o futuro seja continuação ou o retorno periódico e regular do presente. Mas se o futuro traz algo de surpreendente e de novo, sobre ele nada podemos afirmar, nem conhecer (...), mas tão somente naquilo que é permanente e retoma regularmente. Aristóteles chama a esperança de "sonho de quem está acordado". (...) A escatologia cristã não fala do futuro. Ela toma seu ponto de partida numa determinada realidade histórica e prediz o futuro da mesma, suas possibilidades e sua eficácia futura. (p. 23).

Passado, presente e futuro fazem parte de uma mesma "mistura", como a vida. São dimensões que requerem de nós constantes interpretações, revisões e

tomadas de posição.

Sou ainda do tempo em que se compreendia que as ideias surgem, em última instância, a partir das condições econômicas e infraestruturais dos processos de produção e de reprodução da vida. Isso significa que o futuro da teologia no Brasil e o de áreas similares em que atuamos, em seu conjunto de ideias e de perspectivas, dependerá, pelo menos em parte, das condições econômicas que o nosso país terá nas próximas décadas. Se continuarmos com o desenvolvimento atual – lento, mas feito sob uma ótica inclusiva, oferecendo às pessoas mais pobres melhores condições de vida –, creio que haverá avanço na reflexão teológica especialmente porque setores de igrejas pentecostais e outros grupos, católicos e evangélicos, que atuarem em áreas periféricas terão quadros advindos desse contexto formados nas instituições de ensino teológico, que, por sua vez, se sentirão desafiados a se estruturarem melhor para tais desafios.

Mas eu também sou do tempo em que, seguindo Weber, se valorizava a importância das instituições na produção das ideias. Assim, se as igrejas continuarem com o controle que historicamente fizeram à educação teológica, mas reservarem certa margem de liberdade para seminários, faculdades de teologia e centros de pós-graduação afins – como me parece ser o caso da maioria das igrejas –, a teologia poderá avançar e contribuir para uma renovação metodológica ou temática em questões que hoje não são aceitas ou consideradas tabus. Será que Emáus vivenciará esse processo?

Minha perspectiva é que se não ocorrerem, nos próximos vinte e cinco anos, rupturas no processo democrático brasileiro que cerceiem os avanços sociais

e a liberdade das instituições, incluindo as igrejas e aquelas voltadas ao ensino, e se as igrejas mantiverem o perfil conservador (mesmo com o aceleramento das propostas intimistas, massificantes e refratárias ao pensamento crítico, como vemos hoje), mas não eliminarem o espaço de reflexão mais crítica, a teologia vai ser mais avançada nos próximos dez ou vinte anos do que ela é hoje. Talvez seja possível para as igrejas - pelo menos uma parcela mais significativa de seus setores - se abrirem para esses novos ventos. O mesmo poderá ocorrer com os movimentos populares que acompanhamos e que não saem da agenda e do coração de Emaús. Creio que podemos sonhar, como na canção de Guilherme Arantes:

> Amanhã será um lindo dia
>
> da mais louca alegria
>
> que se pode imaginar.

Daqui a vinte e cinco anos, eu estarei com 77 anos. Espero em Deus estar vivo, mesmo que seja apenas literalmente, liberado das minhas tarefas pastorais e docentes, e participante fiel do grupo Emaús. Posso testemunhar no aqui e agora minha profunda gratidão a Deus por participar do grupo, também por estar servindo à Igreja Metodista como pastor nestes últimos 35 anos e por atuar como professor, nos últimos 25, trazendo sempre comigo nessas práticas o denso processo de aprendizado no meu período de caminhada de Emaús.

Será o ano de 2039. Desejo estar aposentado, morando no Rio de Janeiro, casado com a Magali - que se integrou tão bem ao grupo e, conhecedora que é de todos os padres cantores, colabora tanto com as análises

de conjuntura eclesial e política – e participante fiel do grupo de Emaús. Este é o meu sonho!

Claudio de Oliveira Ribeiro

Claudio de Oliveira Ribeiro. Doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, com estágio de pesquisa de pós-doutorado em Teologia, na Southern Methodist University, de Dallas-EUA (2015), com o tema "Pluralismo religioso, democracia e direitos humanos", e em Ciências da Religião, na Pontifícia Universidade Católica de Campinas (2018), com o tema "Movimentos Inter-religiosos, política e espaço público no Brasil". É professor visitante do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião, da Universidade Federal de Juiz de Fora. Atualmente é o coordenador para Pós-graduação Profissional da Área Ciências da Religião e Teologia, da Capes.

Grupo Emaús: lugar de afeto, partilha e fomento das utopias do Reino

Edward Guimarães

Doutor em Ciências da Religião pela PUC Minas e membro da Sociedade de Teologia e Ciências da Religião (SOTER).

Participar do grupo Emaús é compartilhar uma caminhada inspiradora, afetuosa e fecunda de amizade adulta, forjada na empatia, na resistência e na resiliência, na comunhão do sonho e da profecia, com esperança e fé libertadoras. Uma caminhada que verdadeiramente nos converte, nos encoraja e nos confirma na busca diária do Bem Viver, na luta pela justiça social e na participação criativa, e, de muitas maneiras, na construção coletiva de outra sociedade possível.

O grupo Emaús reúne, em suas raízes mais profundas, a força dinâmica da utopia do Reino e a vitalidade de quem se encoraja no sangue dos profetas – dos profetas e profetizas de Israel, do Profeta da Galileia e, igualmente, dos profetas e profetizas que fecundaram

o chão de nosso Continente latino-americano. Trata-se de um grupo gestado à luz de velas, com esperança teimosa e na dor de quem resiste e procura, de forma cúmplice, romper a aurora depois de longa noite escura vivida nos grilhões da ditadura; de quem resiste e procura – por atrever-se a ouvir, de forma fratersororal, o grito e o lamento dos pobres e excluídos da mesa da dignidade humana, das vítimas das desigualdades e do poder opressor das elites dominantes e da mãe Terra – superar as injustiças sociais pela denúncia profética, pelo apoio ou o próprio içar de inúmeras bandeiras de luta, pela busca de transformação das estruturas sociais e pelo cultivo do cuidado ecoético.

Não é sem sentido evocar aqui, para traduzir as origens do grupo Emaús, aquela longa travessia do povo de Deus ao sair dos cativeiros do Egito e da Babilônia. Como nos ensinam Carlos Mesters, Ivone Gebara, Marcelo Barros, Nancy Cardoso, José Comblin, Tereza Pompeia e tantos outros mestres e corifeus da leitura popular das Escrituras, quando unimos os dois livros da Palavra de Deus, o da Vida e o da Bíblia, percebemos que a luta do povo de Deus contra os cativeiros de ontem anima as nossas lutas contra os cativeiros de hoje, e acolhemos o chamado de viver libertados para a práxis da justiça e do amor fratersororal, em busca de libertação.

Mas antes dessa percepção do enraizamento do grupo Emaús em mediações hermenêuticas libertadoras, fruto de uma leitura original latino-americana das Escrituras, pode-se afirmar, de forma indubitável, que as origens do grupo estão alicerçadas em percepção anterior. Refiro-me à importância das mediações sócio-analíticas, contribuições advindas das ciências humanas

e sociais, para compreender de forma crítica a complexa realidade injusta em que estamos inseridos. O grupo se constituiu, de modo especial, para conhecer, se apropriar e elaborar uma mediação crítico-analítica, de modo especial da análise marxista, para auxiliar na construção de uma reflexão teológica e de uma espiritualidade militante-libertadora para as lideranças cristãs e agentes de pastoral.

Sou um dos caçulas da geração mais recente do grupo, orgulhosamente convidado como "motorista do pe. Libanio", esse mestre amigo que, ao partir para o encontro com o Pai a que todos estamos destinados, deixou-nos grande legado, amizade, testemunho fecundo e viva presença e saudade.

No grupo Emaús encontrei e tenho convivido afetivamente com muitos de meus mestres na reflexão e testemunhas na vivência da fé cristã libertadora: João Batista Libanio, Leonardo Boff, Frei Betto, Marcelo Barros, Frei Carlos Mesters, Pedro Ribeiro de Oliveira, José Oscar Beozzo, Luiz Alberto Gómez de Souza, Ivo Lesbaupin, Benedito Ferraro, Maria Clara Bingemer, Tereza Pompeia, Manfredo de Oliveira, Milton Schwantes, Afonso Murad, Faustino Teixeira, dentre tantos outros que, ao conhecer mais de perto, passei a admirar e cultivar o afeto da amizade, tais como Antônio Cecchin, Olinto Pegoraro, Lucia Ribeiro, Luiz Eduardo, Maria Helena, Márcia Miranda, Ekke, Cláudio Ribeiro, Magali Cunha, Luiz Carlos Susin, Maria Tereza Sartorio, Rosy Schwantes, Maria Teresa Bustamante, Jether, Lucília, Sinivaldo, Francisco de Aquino Júnior, Theófilo Cavalcanti, Edson Fernando, Alessandro Molon e, mais recentemente, Celso Carias, Leu, Rose Fernandes, Romi Bencke, Chico Alencar, Chico Pinheiro,

Cesar Kuzma, Lusmarina e Maurício Abdala.

Já em minha primeira participação, fui acolhido e reconhecido como um irmão mais jovem. Mas, na verdade, olhando com profundidade, descobri que sou, na verdade, um legítimo herdeiro do testemunho de fé cristã libertadora de seus membros e do legado de lutas e realizações do grupo, das quais aqui destaco as inúmeras publicações dos Cursos de verão do CESEEP, dos Encontros intereclesiais das CEBs, dos roteiros de círculos bíblicos, dos muitos subsídios, vídeos, assessorias, palestras e, sobretudo, livros e artigos enraizados na Teologia da Libertação. Tudo isso introduziu-me na leitura popular da Bíblia, na caminhada da Igreja da Libertação e no compromisso de colocar-me ao lado e junto, a agir "pelos pobres contra a pobreza" e a capacitar-me para amar e servir "ao que vale a pena e ao preço do amor".

Em cada encontro do Emaús, confesso, sou interpelado a renovar meu compromisso batismal e a fé no seguimento de Jesus, na caminhada ao lado e junto dos pobres, irmanar-me, com os movimentos populares e grupos diversos, apoiar ou participar das lutas em defesa da dignidade da vida, da justiça, da democracia, da cidadania para todos e todas, pela cultura do cuidado com a nossa casa comum.

Quem não desbravou os primeiros passos da caminhada de libertação, ao reconhecer-se herdeiro das trilhas e veredas construídas, carrega o sentimento da admiração, da gratidão e, sobretudo, da interpelação ética. Por isso é muito bom conhecer mais de perto e saborear a história do grupo Emaús, da qual decidida e visceralmente comungo e participo. Não tenho dúvidas de que estes registros da memória e dos feitos,

partilha, de forma testemunhal, a beleza do caminho percorrido que inspirará a caminhada de muitas pessoas e de outros tantos grupos.

Termino com o que motiva minha permanência e participação no grupo Emaús. Nele você pode ser você mesmo, pois há, entre os membros do grupo, profundo respeito pela individualidade, pelo ritmo, pelas crenças, pelas diferenças e pelas ideias; há também uma prática de liberdade crítica e um cultivo do afeto amigo gratuito e do bem querer uns aos outros; há ausência de qualquer competição, estrelismo, fofoca ou inveja e, ao contrário, uma alegria contagiante com a partilha dos passos, ainda que pequenos, de cada um; há cumplicidade, preocupação, partilha e comunhão ecumênica, seja na utopia do Reino e na opção pelos pobres, algo que a todos contagia, instiga e irmana, seja na participação diária, cada um ao seu jeito, na construção de uma outra sociedade e de um outro cristianismo, ambos inteligíveis, possíveis e necessários.

Edward Guimarães

Edward Guimarães. Doutor em Ciências da Religião pela PUC Minas e mestre em Teologia pela FAJE. Licenciatura em Filosofia pela PUC Minas (2020), bacharel em Teologia (1996) e Filosofia (1992) pela FAJE. É professor do Departamento de Ciências da Religião da PUC Minas, onde atua como secretário executivo do Observatório da Evangelização. É membro da atual diretoria da Sociedade de Teologia e Ciências da Religião (SOTER).

O exercício de abertura e de acolhida da diversidade

Faustino Teixeira

Pós-doutorado em Teologia pela Pontifícia Universidade Gregoriana e Professor titular aposentado da Universidade Federal de Juiz de Fora

Tenho grande alegria de participar do grupo de Emaús há décadas. Não estou entre os fundadores, mas entrei ao longo do caminho e o convite foi aceito com entusiasmo. Começamos a participar eu e minha companheira, Teita (Maria Teresa Bustamante Teixeira). Nos primeiros momentos, foi um pouco difícil, em razão da coesão que se firmava no grupo primário, que em geral congregava pessoas mais velhas e com pensamentos bem definidos. Sentia também que o modo de exercício presente nos encontros reforçava uma demanda, quase geral, de ouvir os participantes com maior destaque nacional, sobretudo nos momentos do *Cosa Nostra* ou mesmo na escolha das pessoas responsabilizadas para abordar a temática de cada ano. Era

Edward Guimarães, Lúcia Ribeiro e Tereza Pompeia

natural que isso ocorresse. O núcleo inicial vinha de uma experiência coletiva de muita intimidade, tendo se reunido por anos num momento bem difícil da conjuntura nacional, e isso criava um espírito de corpo peculiar. Os "mais jovens" tiveram que encontrar brechas para poderem ir se inserindo com mais naturalidade.

Com o tempo, fui verificando que o grupo passou a acolher de forma generosa os mais jovens, com uma mudança bonita na capacidade de escuta e atenção. Pude então ficar mais à vontade entre aqueles amigos queridos. A presença de João Batista Libanio, grande amigo e mentor espiritual-acadêmico, foi de essencial importância para a minha adaptação à equipe, como também de Teita. Facilitou igualmente o fato de já termos um contato bonito com muitos dos participantes fora daquele contexto, no campo da vida pastoral e das assessorias.

Penso que o que ajudou muito a inserção mais leve no grupo de Emaús foram os momentos de intervalo, os encontros na sauna, os papos de corredor e os momentos festivos nas noites. Essas frestas de alegria foram de fundamental importância para a integração dos novos membros. Penso que foram também singulares os desdobramentos afetivos que se seguiram às muitas assessorias que nasciam ali nos encontros e que favoreciam o aprofundamento de amizade entre os participantes. Os laços entre os amigos de Emaús firmavam-se no envolvimento com os Intereclesiais de CEBs, com o CEBI, Curso de Verão e Curso de Bispos. Eram momentos privilegiados de encontro entre os membros de Emaús.

Outro dado que me atraía no Grupo de Emaús era a perspectiva ecumênica. As presenças de Jether e

Lucília Ramalho, Milton Schwantes e depois Claudio Oliveira, Magali Cunha, Rosileny Schwantes, Edson F. de Almeida e Romi Bencke foram singulares para concretizar um traço ecumênico que sempre foi essencial para mim, com repercussões singelas nas celebrações, sempre muito importantes nos encontros. A atuação de Marcelo Barros deve ser aqui pontuada, com seu vínculo vital ecumênico e inter-religioso, sempre inspirador. Mesmo não contando em seu circuito com presenças de outras tradições religiosas, o núcleo sempre teve um carinho muito particular com a temática do diálogo inter-religioso. Lembro-me de um encontro no qual abordei essa questão, trazendo para o grupo o debate mais amplo que ocorria na teologia das religiões, e a polêmica envolvendo Jacques Dupuis, que veio a ser meu orientador no pós-doutorado na Pontifícia Universidade Gregoriana, em Roma.

Não há dúvida de que havia uma forte "coesão de pensamento" nos momentos inaugurais do grupo. Depois da criação do Partido dos Trabalhadores (PT), reforçou-se uma sintonia fina do grupo com o partido, embora ninguém estivesse filiado, ao que saiba. Nos encontros, as posições convergiam para esse compromisso, ainda que a preocupação basal dos participantes fosse com o fortalecimento dos movimentos populares e a solidariedade aos mais pobres e excluídos. Em momentos particulares dos encontros em Corrêas, a presença de lideranças do PT sinalizava uma aproximação, como nas visitas realizadas por Luiz Dulci e Gilberto Carvalho. Em determinado período, o próprio frei Betto trabalhou diretamente na primeira gestão de Lula. Destaco ainda a atuação do grupo em momentos políticos importantes, um deles em carta de apoio ao presidente Lula, e outro na visita de alguns represen-

tantes de Emaús à presidente Dilma, quando se levou a ela algumas sugestões e questões que preocupavam o grupo naquele momento.

Entendo como presença do Espírito essa abertura que foi se irradiando no grupo, com a preocupação decisiva, de manter aceso um clima arejado, com disponibilidade de aprendizado com a diferença. Pude acompanhar com alegria esse processo de dilatação do olhar, de atenção à palavra distinta, de acolhida benfazeja da diversidade. O mundo interior de Emaús ganhou vitalidade com a entrada de novas vozes, trazendo palavras alternativas importantes para o discernimento dos participantes. As novas presenças firmaram no grupo um clima bem especial. Mesmo no campo da inclinação partidária, havia agora maior diversidade com a acolhida de alguns pelo PSOL. Ocorria uma mudança bonita, com as posições distintas que presenciavam um momento de riqueza e multiplicidade. Gosto sempre de lembrar uma passagem do Papa Francisco na *Evangelii Gaudim* (2013), quando diz que "a diversidade é bela" (EG 230).

Um traço promissor é a presença feminina no grupo. Vejo isso como húmus alimentador e revigorador. Elas estão sempre ali, com sua generosidade e também impetuosidade, fazendo-nos lembrar em todo momento da trajetória histórica que em nosso país firmou o marco de um patriarcalismo muito prejudicial, que respinga também entre os participantes. Vejo com um olhar de alegria a iniciativa em curso das mulheres do grupo em resgatar a história de vida de cada uma delas, que deve resultar num trabalho que se revela fundamental. As mulheres tem um lugar paradigmático, favorecendo um ritmo e perspectiva inovadores nos

debates que ali ocorrem.

Há que registrar também o permanente enriquecimento do grupo com novas presenças como traço alvissareiro, que enriquece, alimenta e traz novas oculares para entender esse campo tão complexo da conjuntura nacional e internacional, bem como na conjuntura eclesial. Durante a pandemia, os encontros presenciais tiveram que ser interrompidos. Isto, por sua vez, fortaleceu o "Zap" de Emaús, levado muito a sério pelos participantes, com presença constante e enriquecedora. O espaço digital, com as lives, proporcionou momentos, a meu ver, fundamentais na tecitura de laços entre todos.

Algo que sempre me encantou nos encontros foi a busca de lucidez, de um discernimento crítico distinto e renovador, evidenciado nas lindas, fecundas e pertinentes intervenções nos plenários. Com os insights de Leonardo Boff, o grupo foi ampliando o campo de suas preocupações, inserindo, por exemplo, a atenção pela temática ecológica e do novo regime climático. Seus últimos trabalhos focam a questão trazendo as mais recentes discussões advindas da nova visão cosmológica. Os debates no grupo, por meio virtual, em razão da pandemia da Covid-19, são calorosos e enriquecedores, trazendo aspectos novidadeiros para o debate, como a crítica ao antropocentrismo. Com base nas irradiações da encíclica de Francisco sobre o cuidado da casa comum (*Laudato si* - LS) e a consciência da interligação de todas as criaturas (LS 16, 42, 91, 92 e 117), novas reflexões entram no debate, envolvendo agora as questões da virada animal e vegetal e, quiçá, mineral. São abordagens que implicam num redimensionamento profundo da visão teológica, provocada agora

a lidar com um modo de entender o mundo não mais antropocêntrico, mas inter-relacional ou inter-espécies.

Emaús significa para mim a oportunidade bonita de crescimento pessoal e espiritual, de aprendizado permanente e fortalecimento da fé e do compromisso social. Concordo plenamente com Pedro Ribeiro quando sublinha que nos definimos como um "grupo de serviço à igreja da libertação", e também Leonardo Boff quando fala em "comunidade de destino", uma comunidade alegre e livre com respeito a qualquer vínculo institucional. Esse traço de compromisso, afetividade e gratuidade é o que mais me encanta nesse espaço de fraternidade.

Faustino Teixeira

Faustino Teixeira. Possui graduação em Ciência das Religiões pela Universidade Federal de Juiz de Fora (1977), graduação em Filosofia pela Universidade Federal de Juiz de Fora (1977), mestrado em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (1982) e doutorado e pós doutorado em Teologia pela Pontificia Universidade Gregoriana (1985 e 1998 - com supervisão de Jacques Dupuis). Concluiu também o Estágio Sênior (CAPES) no Instituto Studi Ecumenici San Bernardino (Venezia) em 2016, trabalhando o tema da teologia do pluralismo religioso e a hospitalidade. Professor titular aposentado da Universidade Federal de Juiz de Fora. O seu campo de atuação acadêmica e de pesquisa relaciona-se aos temas de teologia do pluralismo religioso, diálogo inter-religioso, mística comparada das religiões, teologia e literatura.

Cantata

Rosemary Fernandes da Costa

Doutora em Teologia Sistemático-Pastoral pela PUC-Rio e Assessora Nacional do Movimento de Juventudes e Espiritualidade Libertadora (MEL)

Cantata, segundo o site Wikipedia, vem do italiano "cantata", particípio passado substantivado de "cantare" - é um tipo de composição vocal, para uma ou mais vozes, com acompanhamento instrumental, às vezes também com coro, de inspiração religiosa ou profana, contendo normalmente mais de um movimento.

Acompanhava de longe a trajetória desse grupo. Notícias me chegavam a cada encontro, ano a ano, me dizendo da seriedade, da responsabilidade, da capacidade de reflexão, análise e criação de estratégias pastorais, sociais, políticas, sempre na direção de um país que luta cotidianamente para que o chão seja semeado na igualdade e os frutos partilhados na fraternidade e

na paz.

Eram meus mestres, meus admiráveis professores, escritores, analistas, profetas de um mundo no qual eu caminhava jovem e cheia de esperança: Leonardo, Betto, Maria Clara, Pedrinho, Dudu, Tereza, Olinto, Ivo, Ferraro, Beozzo, Marcelo, Mesters, Lucia, Luiz Alberto, Jether, Milton, Manfredo, Susin, Libanio... minhas grandes referências, formadores do meu pensar práxico, de minha espiritualidade orgânica.

E então, numa bela manhã, passarinhos chegaram a mim entoando o convite para participar desse grupo. Canto este, entoado por Tereza e, logo depois, por Leonardo, que me encontrou perplexa e emocionada. Como assim ser convidada a participar desse colóquio com meus grandes mestres e mestras?

Ainda hoje, 5 anos depois desta acolhida, tento compreender e absorver o significado desta missão e como posso responder a ela com a dignidade que mantém esse grupo unido e fecundo para tantos caminhos de nossas comunidades. Por um lado, foram meus formadores, sou filha criada, cuidada e fecundada por seus pensamentos e atitudes. Trilhei a filosofia, a teologia passo a passo e, como mulher divorciada, não faltaram obstáculos que nem preciso nomear.

Mas, o Espírito que me conduz também cuidou de abrir caminhos e me inspirar na Mistagogia, um tesouro precioso que lá fui eu mapear, conhecer e resgatar para nosso tempo.

Hoje, a menina que começou esse caminho aos 15 anos, em 1972, recolheu muita coisa em sua bagagem, e está mesmo na hora de retornar com gratidão e reverência os frutos semeados por essa comunidade de

Emaús.

E olhem, digo a vocês que não é à toa que recebem esse nome tão significativo. Pois só estando tão pertinho desta mesa partilhada é que podemos saborear o que significa celebrar juntos o Amor que nos convocou e reúne, e que nos alimenta da sua única e fecunda forma: "ao partir o pão".

Em Emaús, há unidade e diversidade, há transparência nas falas, reflexões em clima de abertura e fraternidade, há alegria da família que se ama, se apoia, convive há mais de 40 anos, há a espiritualidade que permeia os gestos, os olhares, as falas, as ponderações, as dúvidas, as decisões, os textos, os clamores, as alegrias e angústias partilhadas. Sim, é uma cantata, uma sinfonia a muitas vozes, com movimentos e ritmos diversos, com tonalidades e ênfases que se alternam criativamente. Nesse grupo-comunidade-família, muitas sementes já foram lançadas no solo brasileiro, e hoje muitas se tornaram árvores grandiosas ou, até mesmo, pequenos arbustos.

Agradeço a honra de caminhar tão perto de cada um e cada uma, em unidade e em busca dos caminhos para um país de fraternidade, justiça, paz e amor, participando do grande sonho de todos os homens e mulheres de todos os tempos, como seguidora do mestre Jesus.

Rosemary Fernandes da Costa

Rosemary Fernandes da Costa. Doutora em Teologia Sistemático-Pastoral pela PUC-Rio, especialista no tema da MISTAGOGIA, assessora da CRB e CNBB e de comunidades educativas e pastorais, professora da Cultura Religiosa na PUC-Rio. Organizadora do livro A Mística do Bem Viver (2019), editado pela Senso, BH; e autora dos livros Mistagogia hoje (2014) e A Mistagogia em Cirilo de Jerusalém (2015), pela Paulus, SP. Assessora Nacional do Movimento de Juventudes e Espiritualidade Libertadora (MEL).

À GUISA DE CONCLUSÃO

A riqueza de uma caminhada já trilhada não pode ser percebida pelo cultivo de sentimentos saudosistas, pois estes tendem a fixar-nos, romântica e infertilmente, em um passado qualquer. Ao contrário, a memória viva dos passos consolidados, dos desafios enfrentados e a saudade brotada dos frutos produzidos e compartilhados é importante, sobretudo, porque aquece o coração. Ela provoca o crescimento da consciência crítica e autocrítica; inspira e alimenta os horizontes e as utopias que nos movem; mobiliza, criativamente, as novas gerações.

A caminhada do grupo Emaús, neste sentido, é perseverante e fecunda exatamente por sua incalculável riqueza pessoal e coletiva. Em cada encontro, organizam-se partilhas e a construção coletiva de análises de conjuntura sociopolítica e eclesial. Estas são sempre pautadas pela liberdade, pela ética, pelo afeto mútuo entre seus membros e pelo profundo respeito ao ritmo e ao momento de cada um.

A trajetória pessoal de cada um e cada uma confirma e amplia a riqueza do grupo Emaús. Seus participantes atuam de formas diversas, como intelectuais orgânicos visceralmente comprometidos com a defesa da dignidade da vida. Colocam-se a serviço da construção coletiva da sociedade e da cultura da paz que brotam da práxis da justiça, da busca de inclusão dos mais pobres, marginalizados e invisibilizados pelo preconceito na mesa da igualdade cidadã e fraterna, edificada pela fé no Deus da vida e pela partilha de sonhos e lutas, como também pelo cultivo do cuidado com a nossa Casa Comum. Concretizam inúmeras assessorias aos movimentos populares, às associações, aos

grupos organizados e aos partidos políticos, às comunidades eclesiais de base, às igrejas. Elaboram aulas, cursos e palestras, escrevem artigos e livros, marcados pelo compromisso com a formação de opinião pública e a libertação da consciência. Não temem andar juntos jesuanicamente na contramão. Procuram encarnar em seus ensinamentos e posturas os valores do Evangelho do Reino.

Ao partilhar aqui, com simplicidade e ternura, esta memória da caminhada vivida, não temos pretensão maior que esta: provocar, fazer refletir, alimentar os nossos sonhos e suscitar a beleza da busca de horizontes novos.

Com afeto,

Edward Guimarães, Lucia Ribeiro e Tereza Pompeu.

(organizadores)

Organizadores

Edward Guimarães. Doutor em Ciências da Religião pela PUC Minas e mestre em Teologia pela FAJE. Licenciatura em Filosofia pela PUC Minas (2020), bacharel em Teologia (1996) e Filosofia (1992) pela FAJE. É professor do Departamento de Ciências da Religião da PUC Minas, onde atua como secretário executivo do Observatório da evangelização. É membro da atual diretoria da Sociedade de Teologia e Ciências da Religião (SOTER).

Lúcia Ribeiro. Socióloga, trabalhou como pesquisadora, nas áreas de saúde, sexualidade, reprodução, migrações e religião; atualmente, vem investigando o processo do envelhecer. É consultora do ISER/Assessoria, membro do Conselho Editorial do Boletim REDE e assessora de movimentos sociais. Tem 5 livros publicados, entre os quais Masculino/Feminino: experiências vividas (2007) em parceria com Leonardo Boff. Publicou também numerosos artigos.

Tereza Pompéia Cavalcanti. Possui graduação em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1966), graduação em Sciences Religieuses - Université Catholique de Louvain (1971), graduação em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (2003), mestrado em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (1983) e doutorado em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (1991). Atualmente é membro do Centro de Estudos Bíblicos e assistente da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Tem experiência na área de Teologia, com ênfase em Teologia Pastoral, atuando principalmente nos seguintes temas: pastoral popular, bíblia, espiritualidade, mulher e comunidades eclesiais de base.

CADERNOS IHU IDEIAS

N. 01 A teoria da justiça de John Rawls – José Nedel
N. 02 O feminismo ou os feminismos: Uma leitura das produções teóricas – Edla Eggert
O Serviço Social junto ao Fórum de Mulheres em São Leopoldo – Clair Ribeiro Ziebell e Acadêmicas Anemarie Kirsch Deutrich e Magali Beatriz Strauss
N. 03 O programa Linha Direta: a sociedade segundo a TV Globo – Sonia Montaño
N. 04 Ernani M. Fiori – Uma Filosofia da Educação Popular – Luiz Gilberto Kronbauer
N. 05 O ruído de guerra e o silêncio de Deus – Manfred Zeuch
N. 06 BRASIL: Entre a Identidade Vazia e a Construção do Novo – Renato Janine Ribeiro
N. 07 Mundos televisivos e sentidos identiários na TV – Suzana Kilpp
N. 08 Simões Lopes Neto e a Invenção do Gaúcho – Márcia Lopes Duarte
N. 09 Oligopólios midiáticos: a televisão contemporânea e as barreiras à entrada – Valério Cruz Brittos
N. 10 Futebol, mídia e sociedade no Brasil: reflexões a partir de um jogo – Édison Luis Gastaldo
N. 11 Os 100 anos de Theodor Adorno e a Filosofia depois de Auschwitz – Márcia Tiburi
N. 12 A domesticação do exótico – Paula Caleffi
N. 13 Pomeranas parceiras no caminho da roça: um jeito de fazer Igreja, Teologia e Educação Popular – Edla Eggert
N. 14 Júlio de Castilhos e Borges de Medeiros: a prática política no RS – Gunter Axt
N. 15 Medicina social: um instrumento para denúncia – Stela Nazareth Meneghel
N. 16 Mudanças de significado da tatuagem contemporânea – Débora Krischke Leitão
N. 17 As sete mulheres e as negras sem rosto: ficção, história e trivialidade – Mário Maestri
N. 18 Um itinenário do pensamento de Edgar Morin – Maria da Conceição de Almeida
N. 19 Os donos do Poder, de Raymundo Faoro – Helga Iracema Ladgraf Piccolo
N. 20 Sobre técnica e humanismo – Oswaldo Giacóia Junior
N. 21 Construindo novos caminhos para a intervenção societária – Lucilda Selli
N. 22 Física Quântica: da sua pré-história à discussão sobre o seu conteúdo essencial – Paulo Henrique Dionísio
N. 23 Atualidade da filosofia moral de Kant, desde a perspectiva de sua crítica a um solipsismo prático – Valério Rohden
N. 24 Imagens da exclusão no cinema nacional – Miriam Rossini
N. 25 A estética discursiva da tevê e a (des)configuração da informação – Nísia Martins do Rosário
N. 26 O discurso sobre o voluntariado na Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS – Rosa Maria Serra Bavaresco
N. 27 O modo de objetivação jornalística – Beatriz Alcaraz Marocco
N. 28 A cidade afetada pela cultura digital – Paulo Edison Belo Reyes
N. 29 Prevalência de violência de gênero perpetrada por companheiro: Estudo em um serviço de atenção primária à saúde – Porto Alegre, RS – José Fernando Dresch Kronbauer
N. 30 Getúlio, romance ou biografia? – Juremir Machado da Silva
N. 31 A crise e o êxodo da sociedade salarial – André Gorz
N. 32 À meia luz: a emergência de uma Teologia Gay – Seus dilemas e possibilidades – André Sidnei Musskopf
N. 33 O vampirismo no mundo contemporâneo: algumas considerações – Marcelo Pizarro Noronha
N. 34 O mundo do trabalho em mutação: As reconfigurações e seus impactos – Marco Aurélio Santana
N. 35 Adam Smith: filósofo e economista – Ana Maria Bianchi e Antonio Tiago Loureiro Araújo dos Santos

N. 36 Igreja Universal do Reino de Deus no contexto do emergente mercado religioso brasileiro: uma análise antropológica – Airton Luiz Jungblut
N. 37 As concepções teórico-analíticas e as proposições de política econômica de Keynes – Fernando Ferrari Filho
N. 38 Rosa Egipcíaca: Uma Santa Africana no Brasil Colonial – Luiz Mott
N. 39 Malthus e Ricardo: duas visões de economia política e de capitalismo – Gentil Corazza
N. 40 Corpo e Agenda na Revista Feminina – Adriana Braga
N. 41 A (anti)filosofia de Karl Marx – Leda Maria Paulani
N. 42 Veblen e o Comportamento Humano: uma avaliação após um século de "A Teoria da Classe Ociosa" – Leonardo Monteiro Monasterio
N. 43 Futebol, Mídia e Sociabilidade. Uma experiência etnográfica – Édison Luis Gastaldo, Rodrigo Marques Leistner, Ronei Teodoro da Silva e Samuel McGinity
N. 44 Genealogia da religião. Ensaio de leitura sistêmica de Marcel Gauchet. Aplicação à situação atual do mundo – Gérard Donnadieu
N. 45 A realidade quântica como base da visão de Teilhard de Chardin e uma nova concepção da evolução biológica – Lothar Schäfer
N. 46 "Esta terra tem dono". Disputas de representação sobre o passado missioneiro no Rio Grande do Sul: a figura de Sepé Tiaraju – Ceres Karam Brum
N. 47 O desenvolvimento econômico na visão de Joseph Schumpeter – Achyles Barcelos da Costa
N. 48 Religião e elo social. O caso do cristianismo – Gérard Donnadieu
N. 49 Copérnico e Kepler: como a terra saiu do centro do universo – Geraldo Monteiro Sigaud
N. 50 Modernidade e pós-modernidade – luzes e sombras – Evilázio Teixeira
N. 51 Violências: O olhar da saúde coletiva – Élida Azevedo Hennington e Stela Nazareth Meneghel
N. 52 Ética e emoções morais – Thomas Kesselring
Juízos ou emoções: de quem é a primazia na moral? – Adriano Naves de Brito
N. 53 Computação Quântica. Desafios para o Século XXI – Fernando Haas
N. 54 Atividade da sociedade civil relativa ao desarmamento na Europa e no Brasil – An Vranckx
N. 55 Terra habitável: o grande desafio para a humanidade – Gilberto Dupas
N. 56 O decrescimento como condição de uma sociedade convivial – Serge Latouche
N. 57 A natureza da natureza: auto-organização e caos – Günter Küppers
N. 58 Sociedade sustentável e desenvolvimento sustentável: limites e possibilidades – Hazel Henderson
N. 59 Globalização – mas como? – Karen Gloy
N. 60 A emergência da nova subjetividade operária: a sociabilidade invertida – Cesar Sanson
N. 61 Incidente em Antares e a Trajetória de Ficção de Erico Veríssimo – Regina Zilberman
N. 62 Três episódios de descoberta científica: da caricatura empirista a uma outra história – Fernando Lang da Silveira e Luiz O. Q. Peduzzi
N. 63 Negações e Silenciamentos no discurso acerca da Juventude – Cátia Andressa da Silva
N. 64 Getúlio e a Gira: a Umbanda em tempos de Estado Novo – Artur Cesar Isaia
N. 65 Darcy Ribeiro e o O povo brasileiro: uma alegoria humanista tropical – Léa Freitas Perez
N. 66 Adoecer: Morrer ou Viver? Reflexões sobre a cura e a não cura nas reduções jesuítico-guaranis (1609-1675) – Eliane Cristina Deckmann Fleck
N. 67 Em busca da terceira margem: O olhar de Nelson Pereira dos Santos na obra de Guimarães Rosa – João Guilherme Barone
N. 68 Contingência nas ciências físicas – Fernando Haas

N. 69 A cosmologia de Newton – Ney Lemke
N. 70 Física Moderna e o paradoxo de Zenon – Fernando Haas
N. 71 O passado e o presente em Os Inconfidentes, de Joaquim Pedro de Andrade – Miriam de Souza Rossini
N. 72 Da religião e de juventude: modulações e articulações – Léa Freitas Perez
N. 73 Tradição e ruptura na obra de Guimarães Rosa – Eduardo F. Coutinho
N. 74 Raça, nação e classe na historiografia de Moysés Vellinho – Mário Maestri
N. 75 A Geologia Arqueológica na Unisinos – Carlos Henrique Nowatzki
N. 76 Campesinato negro no período pós-abolição: repensando Coronelismo, enxada e voto – Ana Maria Lugão Rios
N. 77 Progresso: como mito ou ideologia – Gilberto Dupas
N. 78 Michael Aglietta: da Teoria da Regulação à Violência da Moeda – Octavio A. C. Conceição
N. 79 Dante de Laytano e o negro no Rio Grande Do Sul – Moacyr Flores
N. 80 Do pré-urbano ao urbano: A cidade missioneira colonial e seu território – Arno Alvarez Kern
N. 81 Entre Canções e versos: alguns caminhos para a leitura e a produção de poemas na sala de aula – Gláucia de Souza
N. 82 Trabalhadores e política nos anos 1950: a ideia de "sindicalismo populista" em questão – Marco Aurélio Santana
N. 83 Dimensões normativas da Bioética – Alfredo Culleton e Vicente de Paulo Barretto
N. 84 A Ciência como instrumento de leitura para explicar as transformações da natureza – Attico Chassot
N. 85 Demanda por empresas responsáveis e Ética Concorrencial: desafios e uma proposta para a gestão da ação organizada do varejo – Patrícia Almeida Ashley
N. 86 Autonomia na pós-modernidade: um delírio? – Mario Fleig
N. 87 Gauchismo, tradição e Tradicionalismo – Maria Eunice Maciel
N. 88 A ética e a crise da modernidade: uma leitura a partir da obra de Henrique C. de Lima Vaz – Marcelo Perine
N. 89 Limites, possibilidades e contradições da formação humana na Universidade – Laurício Neumann
N. 90 Os índios e a História Colonial: lendo Cristina Pompa e Regina Almeida – Maria Cristina Bohn Martins
N. 91 Subjetividade moderna: possibilidades e limites para o cristianismo – Franklin Leopoldo e Silva
N. 92 Saberes populares produzidos numa escola de comunidade de catadores: um estudo na perspectiva da Etnomatemática – Daiane Martins Bocasanta
N. 93 A religião na sociedade dos indivíduos: transformações no campo religioso brasileiro – Carlos Alberto Steil
N. 94 Movimento sindical: desafios e perspectivas para os próximos anos – Cesar Sanson
N. 95 De volta para o futuro: os precursores da nanotecnociência – Peter A. Schulz
N. 96 Vianna Moog como intérprete do Brasil – Enildo de Moura Carvalho
N. 97 A paixão de Jacobina: uma leitura cinematográfica – Marinês Andrea Kunz
N. 98 Resiliência: um novo paradigma que desafia as religiões – Susana María Rocca Larrosa
N. 99 Sociabilidades contemporâneas: os jovens na lan house – Vanessa Andrade Pereira
N. 100 Autonomia do sujeito moral em Kant – Valerio Rohden
N. 101 As principais contribuições de Milton Friedman à Teoria Monetária: parte 1 – Roberto Camps Moraes
N. 102 Uma leitura das inovações bio(nano)tecnológicas a partir da sociologia da ciência – Adriano Premebida
N. 103 ECODI – A criação de espaços de convivência digital virtual no contexto dos processos de ensino e aprendizagem em metaverso – Eliane Schlemmer

N. 104 As principais contribuições de Milton Friedman à Teoria Monetária: parte 2 – Roberto Camps Moraes
N. 105 Futebol e identidade feminina: um estudo etnográfico sobre o núcleo de mulheres gremistas – Marcelo Pizarro Noronha
N. 106 Justificação e prescrição produzidas pelas Ciências Humanas: Igualdade e Liberdade nos discursos educacionais contemporâneos – Paula Corrêa Henning
N. 107 Da civilização do segredo à civilização da exibição: a família na vitrine – Maria Isabel Barros Bellini
N. 108 Trabalho associado e ecologia: vislumbrando um ethos solidário, terno e democrático? – Telmo Adams
N. 109 Transumanismo e nanotecnologia molecular – Celso Candido de Azambuja
N. 110 Formação e trabalho em narrativas – Leandro R. Pinheiro
N. 111 Autonomia e submissão: o sentido histórico da administração – Yeda Crusius no Rio Grande do Sul – Mário Maestri
N. 112 A comunicação paulina e as práticas publicitárias: São Paulo e o contexto da publicidade e propaganda – Denis Gerson Simões
N. 113 Isto não é uma janela: Flusser, Surrealismo e o jogo contra – Esp. Yentl Delanhesi
N. 114 SBT: jogo, televisão e imaginário de azar brasileiro – Sonia Montaño
N. 115 Educação cooperativa solidária: perspectivas e limites – Carlos Daniel Baioto
N. 116 Humanizar o humano – Roberto Carlos Fávero
N. 117 Quando o mito se torna verdade e a ciência, religião – Róber Freitas Bachinski
N. 118 Colonizando e descolonizando mentes – Marcelo Dascal
N. 119 A espiritualidade como fator de proteção na adolescência – Luciana F. Marques e Débora D. Dell'Aglio
N. 120 A dimensão coletiva da liderança – Patrícia Martins Fagundes Cabral e Nedio Seminotti
N. 121 Nanotecnologia: alguns aspectos éticos e teológicos – Eduardo R. Cruz
N. 122 Direito das minorias e Direito à diferenciação – José Rogério Lopes
N. 123 Os direitos humanos e as nanotecnologias: em busca de marcos regulatórios – Wilson Engelmann
N. 124 Desejo e violência – Rosane de Abreu e Silva
N. 125 As nanotecnologias no ensino – Solange Binotto Fagan
N. 126 Câmara Cascudo: um historiador católico – Bruna Rafaela de Lima
N. 127 O que o câncer faz com as pessoas? Reflexos na literatura universal: Leo Tolstoi – Thomas Mann – Alexander Soljenítsin – Philip Roth – Karl-Josef Kuschel
N. 128 Dignidade da pessoa humana e o direito fundamental à identidade genética – Ingo Wolfgang Sarlet e Selma Rodrigues Petterle
N. 129 Aplicações de caos e complexidade em ciências da vida – Ivan Amaral Guerrini
N. 130 Nanotecnologia e meio ambiente para uma sociedade sustentável – Paulo Roberto Martins
N. 131 A philía como critério de inteligibilidade da mediação comunitária – Rosa Maria Zaia Borges Abrão
N. 132 Linguagem, singularidade e atividade de trabalho – Marlene Teixeira e Éderson de Oliveira Cabral
N. 133 A busca pela segurança jurídica na jurisdição e no processo sob a ótica da teoria dos sistemas sociais de Nicklass Luhmann – Leonardo Grison
N. 134 Motores Biomoleculares – Ney Lemke e Luciano Hennemann
N. 135 As redes e a construção de espaços sociais na digitalização – Ana Maria Oliveira Rosa
N. 136 De Marx a Durkheim: Algumas apropriações teóricas para o estudo das religiões afro-brasileiras – Rodrigo Marques Leistner
N. 137 Redes sociais e enfrentamento do sofrimento psíquico: sobre como as pessoas reconstroem suas vidas – Breno Augusto Souto Maior Fontes
N. 138 As sociedades indígenas e a economia do dom: O caso dos guaranis – Maria Cristina Bohn Martins

N. 139 Nanotecnologia e a criação de novos espaços e novas identidades – Marise Borba da Silva
N. 140 Platão e os Guarani – Beatriz Helena Domingues
N. 141 Direitos humanos na mídia brasileira – Diego Airoso da Motta
N. 142 Jornalismo Infantil: Apropriações e Aprendizagens de Crianças na Recepção da Revista Recreio – Greyce Vargas
N. 143 Derrida e o pensamento da desconstrução: o redimensionamento do sujeito – Paulo Cesar Duque-Estrada
N. 144 Inclusão e Biopolítica – Maura Corcini Lopes, Kamila Lockmann, Morgana Domênica Hattge e Viviane Klaus
N. 145 Os povos indígenas e a política de saúde mental no Brasil: composição simétrica de saberes para a construção do presente – Bianca Sordi Stock
N. 146 Reflexões estruturais sobre o mecanismo de REDD – Camila Moreno
N. 147 O animal como próximo: por uma antropologia dos movimentos de defesa dos direitos animais – Caetano Sordi
N. 148 Avaliação econômica de impactos ambientais: o caso do aterro sanitário em Canoas-RS – Fernanda Schutz
N. 149 Cidadania, autonomia e renda básica – Josué Pereira da Silva
N. 150 Imagética e formações religiosas contemporâneas: entre a performance e a ética – José Rogério Lopes
N. 151 As reformas político-econômicas pombalinas para a Amazônia: e a expulsão dos jesuítas do Grão-Pará e Maranhão – Luiz Fernando Medeiros Rodrigues
N. 152 Entre a Revolução Mexicana e o Movimento de Chiapas: a tese da hegemonia burguesa no México ou "por que voltar ao México 100 anos depois" – Claudia Wasserman
N. 153 Globalização e o pensamento econômico franciscano: Orientação do pensamento econômico franciscano e Caritas in Veritate – Stefano Zamagni
N. 154 Ponto de cultura teko arandu: uma experiência de inclusão digital indígena na aldeia kaiowá e guarani Te'yikue no município de Caarapó-MS – Neimar Machado de Sousa, Antonio Brand e José Francisco Sarmento
N. 155 Civilizar a economia: o amor e o lucro após a crise econômica – Stefano Zamagni
N. 156 Intermitências no cotidiano: a clínica como resistência inventiva – Mário Francis Petry Londero e Simone Mainieri Paulon
N. 157 Democracia, liberdade positiva, desenvolvimento – Stefano Zamagni
N. 158 "Passemos para a outra margem": da homofobia ao respeito à diversidade – Omar Lucas Perrout Fortes de Sales
N. 159 A ética católica e o espírito do capitalismo – Stefano Zamagni
N. 160 O Slow Food e novos princípios para o mercado – Eriberto Nascente Silveira
N. 161 O pensamento ético de Henri Bergson: sobre As duas fontes da moral e da religião – André Brayner de Farias
N. 162 O modus operandi das políticas econômicas keynesianas – Fernando Ferrari Filho e Fábio Henrique Bittes Terra
N. 163 Cultura popular tradicional: novas mediações e legitimações culturais de mestres populares paulistas – André Luiz da Silva
N. 164 Será o decrescimento a boa nova de Ivan Illich? – Serge Latouche
N. 165 Agostos! A "Crise da Legalidade": vista da janela do Consulado dos Estados Unidos em Porto Alegre – Carla Simone Rodeghero
N. 166 Convivialidade e decrescimento – Serge Latouche
N. 167 O impacto da plantação extensiva de eucalipto nas culturas tradicionais: Estudo de caso de São Luis do Paraitinga – Marcelo Henrique Santos Toledo
N. 168 O decrescimento e o sagrado – Serge Latouche
N. 169 A busca de um ethos planetário – Leonardo Boff
N. 170 O salto mortal de Louk Hulsman e a desinstitucionalização do ser: um convite ao abolicionismo – Marco Antonio de Abreu Scapini

N. 171 Sub specie aeternitatis – O uso do conceito de tempo como estratégia pedagógica de religação dos saberes – Gerson Egas Severo
N. 172 Theodor Adorno e a frieza burguesa em tempos de tecnologias digitais – Bruno Pucci
N. 173 Técnicas de si nos textos de Michel Foucault: A influência do poder pastoral – João Roberto Barros II
N. 174 Da mônada ao social: A intersubjetividade segundo Levinas – Marcelo Fabri
N. 175 Um caminho de educação para a paz segundo Hobbes – Lucas Mateus Dalsotto e Everaldo Cescon
N. 176 Da magnitude e ambivalência à necessária humanização da tecnociência segundo Hans Jonas – Jelson Roberto de Oliveira
N. 177 Um caminho de educação para a paz segundo Locke – Odair Camati e Paulo César Nodari
N. 178 Crime e sociedade estamental no Brasil: De como la ley es como la serpiente; solo pica a los descalzos – Lenio Luiz Streck
N. 179 Um caminho de educação para a paz segundo Rousseau – Mateus Boldori e Paulo César Nodari
N. 180 Limites e desafios para os direitos humanos no Brasil: entre o reconhecimento e a concretização – Afonso Maria das Chagas
N. 181 Apátridas e refugiados: direitos humanos a partir da ética da alteridade – Gustavo Oliveira de Lima Pereira
N. 182 Censo 2010 e religiões:reflexões a partir do novo mapa religioso brasileiro – José Rogério Lopes
N. 183 A Europa e a ideia de uma economia civil – Stefano Zamagni
N. 184 Para um discurso jurídico-penal libertário: a pena como dispositivo político (ou o direito penal como "discurso-limite") – Augusto Jobim do Amaral
N. 185 A identidade e a missão de uma universidade católica na atualidade – Stefano Zamagni
N. 186 A hospitalidade frente ao processo de reassentamento solidário aos refugiados – Joseane Mariéle Schuck Pinto
N. 187 Os arranjos colaborativos e complementares de ensino, pesquisa e extensão na educação superior brasileira e sua contribuição para um projeto de sociedade sustentável no Brasil – Marcelo F. de Aquino
N. 188 Os riscos e as loucuras dos discursos da razão no campo da prevenção – Luis David Castiel
N. 189 Produções tecnológicas e biomédicas e seus efeitos produtivos e prescritivos nas práticas sociais e de gênero – Marlene Tamanini
N. 190 Ciência e justiça: Considerações em torno da apropriação da tecnologia de DNA pelo direito – Claudia Fonseca
N. 191 #VEMpraRUA: Outono brasileiro? Leituras – Bruno Lima Rocha, Carlos Gadea, Giovanni Alves, Giuseppe Cocco, Luiz Werneck Vianna e Rudá Ricci
N. 192 A ciência em ação de Bruno Latour – Leticia de Luna Freire
N. 193 Laboratórios e Extrações: quando um problema técnico se torna uma questão sociotécnica – Rodrigo Ciconet Dornelles
N. 194 A pessoa na era da biopolítica: autonomia, corpo e subjetividade – Heloisa Helena Barboza
N. 195 Felicidade e Economia: uma retrospectiva histórica – Pedro Henrique de Morais Campetti e Tiago Wickstrom Alves
N. 196 A colaboração de Jesuítas, Leigos e Leigas nas Universidades confiadas à Companhia de Jesus: o diálogo entre humanismo evangélico e humanismo tecnocientífico – Adolfo Nicolás
N. 197 Brasil: verso e reverso constitucional – Fábio Konder Comparato
N. 198 Sem-religião no Brasil: Dois estranhos sob o guarda-chuva – Jorge Claudio Ribeiro
N. 199 Uma ideia de educação segundo Kant: uma possível contribuição para o século XXI – Felipe Bragagnolo e Paulo César Nodari

N. 200 Aspectos do direito de resistir e a luta socialpor moradia urbana: a experiência da ocupação Raízes da Praia – Natalia Martinuzzi Castilho
N. 201 Desafios éticos, filosóficos e políticos da biologia sintética – Jordi Maiso
N. 202 Fim da Política, do Estado e da cidadania? – Roberto Romano
N. 203 Constituição Federal e Direitos Sociais: avanços e recuos da cidadania – Maria da Glória Gohn
N. 204 As origens históricas do racionalismo, segundo Feyerabend – Miguel Ângelo Flach
N. 205 Compreensão histórica do regime empresarial-militar brasileiro – Fábio Konder Comparato
N. 206 Sociedade tecnológica e a defesa do sujeito: Technological society and the defense of the individual – Karla Saraiva
N. 207 Territórios da Paz: Territórios Produtivos? – Giuseppe Cocco
N. 208 Justiça de Transição como Reconhecimento: limites e possibilidades do processo brasileiro – Roberta Camineiro Baggio
N. 209 As possibilidades da Revolução em Ellul – Jorge Barrientos-Parra
N. 210 A grande política em Nietzsche e a política que vem em Agamben – Márcia Rosane Junges
N. 211 Foucault e a Universidade: Entre o governo dos outros e o governo de si mesmo – Sandra Caponi
N. 212 Verdade e História: arqueologia de uma relação – José D'Assunção Barros
N. 213 A Relevante Herança Social do Pe. Amstad SJ – José Odelso Schneider
N. 214 Sobre o dispositivo. Foucault, Agamben, Deleuze – Sandro Chignola
N. 215 Repensar os Direitos Humanos no Horizonte da Libertação – Alejandro Rosillo Martínez
N. 216 A realidade complexa da tecnologia – Alberto Cupani
N. 217 A Arte da Ciência e a Ciência da Arte: Uma abordagem a partir de Paul Feyerabend – Hans Georg Flickinger
N. 218 O ser humano na idade da técnica – Humberto Galimberti
N. 219 A Racionalidade Contextualizada em Feyerabend e suas Implicações Éticas: Um Paralelo com Alasdair MacIntyre – Halina Macedo Leal
N. 220 O Marquês de Pombal e a Invenção do Brasil – José Eduardo Franco
N. 221 Neurofuturos para sociedades de controle – Timothy Lenoir
N. 222 O poder judiciário no Brasil – Fábio Konder Comparato
N. 223 Os marcos e as ferramentas éticas das tecnologias de gestão – Jesús Conill Sancho
N. 224 O restabelecimento da Companhia de Jesus no extremo sul do Brasil (1842-1867) – Luiz Fernando Medeiros Rodrigues
N. 225 O grande desafio dos indígenas nos países andinos: seus direitos sobre os recursos naturais – Xavier Albó
N. 226 Justiça e perdão – Xabier Etxeberria Mauleon
N. 227 Paraguai: primeira vigilância massiva norte-americana e a descoberta do Arquivo do Terror (Operação Condor) – Martín Almada
N. 228 A vida, o trabalho, a linguagem. Biopolítica e biocapitalismo – Sandro Chignola
N. 229 Um olhar biopolítico sobre a bioética – Anna Quintanas Feixas
N. 230 Biopoder e a constituição étnico-racial das populações: Racialismo, eugenia e a gestão biopolítica da mestiçagem no Brasil – Gustavo da Silva Kern
N. 231 Bioética e biopolítica na perspectiva hermenêutica: uma ética do cuidado da vida – Jesús Conill Sancho
N. 232 Migrantes por necessidade: o caso dos senegaleses no Norte do Rio Grande do Sul – Dirceu Benincá e Vânia Aguiar Pinheiro
N. 233 Capitalismo biocognitivo e trabalho: desafios à saúde e segurança – Elsa Cristine Bevian
N. 234 O capital no século XXI e sua aplicabilidade à realidade brasileira – Róber Iturriet Avila & João Batista Santos Conceição
N. 235 Biopolítica, raça e nação no Brasil (1870-1945) – Mozart Linhares da Silva
N. 236 Economias Biopolíticas da Dívida – Michael A. Peters

N. 237 Paul Feyerabend e Contra o Método: Quarenta Anos do Início de uma Provocação – Halina Macedo Leal
N. 238 O trabalho nos frigoríficos: escravidão local e global? – Leandro Inácio Walter
N. 239 Brasil: A dialética da dissimulação – Fábio Konder Comparato
N. 240 O irrepresentável – Homero Santiago
N. 241 O poder pastoral, as artes de governo e o estado moderno – Castor Bartolomé Ruiz
N. 242 Uma crise de sentido, ou seja, de direção – Stefano Zamagni
N. 243 Diagnóstico Socioterritorial entre o chão e a gestão – Dirce Koga
N. 244 A função-educador na perspectiva da biopolítica e da governamentalidade neoliberal – Alexandre Filordi de Carvalho
N. 245 Esquecer o neoliberalismo: aceleracionismo como terceiro espírito do capitalismo – Moysés da Fontoura Pinto Neto
N. 246 O conceito de subsunção do trabalho ao capital: rumo à subsunção da vida no capitalismo biocognitivo – Andrea Fumagalli
N. 247 Educação, indivíduo e biopolítica: A crise do governamento – Dora Lilia Marín-Díaz
N. 248 Reinvenção do espaço público e político: o individualismo atual e a possibilidade de uma democracia – Roberto Romano
N. 249 Jesuítas em campo: a Companhia de Jesus e a questão agrária no tempo do CLACIAS (1966-1980) – Iraneidson Santos Costa
N. 250 A Liberdade Vigiada: Sobre Privacidade, Anonimato e Vigilantismo com a Internet – Pedro Antonio Dourado de Rezende
N. 251 Políticas Públicas, Capitalismo Contemporâneo e os horizontes de uma Democracia Estrangeira – Francini Lube Guizardi
N. 252 A Justiça, Verdade e Memória: Comissão Estadual da Verdade – Carlos Frederico Guazzelli
N. 253 Reflexões sobre os espaços urbanos contemporâneos: quais as nossas cidades? – Vinícius Nicastro Honesko
N. 254 Ubuntu como ética africana, humanista e inclusiva – Jean-Bosco Kakozi Kashindi
N. 255 Mobilização e ocupações dos espaços físicos e virtuais: possibilidades e limites da reinvenção da política nas metrópoles – Marcelo Castañeda
N. 256 Indicadores de Bem-Estar Humano para Povos Tradicionais: O caso de uma comunidade indígena na fronteira da Amazônia Brasileira – Luiz Felipe Barbosa Lacerda e Luis Eduardo Acosta Muñoz
N. 257 Cerrado. O laboratório antropológico ameaçado pela desterritorialização – Altair Sales Barbosa
N. 258 O impensado como potência e a desativação das máquinas de poder – Rodrigo Karmy Bolton
N. 259 Identidade de Esquerda ou Pragmatismo Radical? – Moysés Pinto Neto
N. 260 Itinerários versados: redes e identizações nas periferias de Porto Alegre? – Leandro Rogério Pinheiro
N. 261 Fugindo para a frente: limites da reinvenção da política no Brasil contemporâneo – Henrique Costa
N. 262 As sociabilidades virtuais glocalizadas na metrópole: experiências do ativismo cibernético do grupo Direitos Urbanos no Recife – Breno Augusto Souto Maior Fontes e Davi Barboza Cavalcanti
N. 263 Seis hipóteses para ler a conjuntura brasileira – Sauro Bellezza
N. 264 Saúde e igualdade: a relevância do Sistema Único de Saúde (SUS) – Stela N. Meneghel
N. 265 Economia política aristotélica: cuidando da casa, cuidando do comum – Armando de Melo Lisboa
N. 266 Contribuições da teoria biopolítica para a reflexão sobre os direitos humanos – Aline Albuquerque
N. 267 O que resta da ditadura? Estado democrático de direito e exceção no Brasil – Giuseppe Tosi
N. 268 Contato e improvisação: O que pode querer dizer autonomia? – Alana Moraes de Souza

N. 269 A perversão da política moderna: a apropriação de conceitos teológicos pela máquina governamental do Ocidente – Osiel Lourenço de Carvalho
N. 270 O campo de concentração: Um marco para a (bio) política moderna – Viviane Zarembski Braga
N. 271 O que caminhar ensina sobre o bem-viver? Thoreau e o apelo da natureza – Flavio Williges
N. 272 Interfaces da morte no imaginário da cultura popular mexicana – Rafael Lopez Villasenor
N. 273 Poder, persuasão e novos domínios da(s) identidade(s) diante do(s) fundamentalismo(s) religioso(s) na contemporaneidade brasileira – Celso Gabatz
N. 274 Tarefa da esquerda permanece a mesma: barrar o caráter predatório automático do capitalismo – Acauam Oliveira
N. 275 Tendências econômicas do mundo contemporâneo – Alessandra Smerilli
N. 276 Uma crítica filosófica à teoria da Sociedade do Espetáculo em Guy Debord – Atilio Machado Peppe
N. 277 O Modelo atual de Capitalismo e suas formas de Captura da Subjetividade e de Exploração Social – José Roque Junges
N. 278 Da esperança ao ódio: Juventude, política e pobreza do lulismo ao bolsonarismo – Rosana Pinheiro-Machado e Lucia Mury Scalco
N. 279 O mal-estar na cultura medicamentalizada – Luis David Castiel
N. 280 Mistérios da economia (divina) e do ministério (angélico). Quando a teologia fornece um paradigma para a filosofia política e esta retroage à teologia – Alain Gignac
N. 281 A Campanha da Legalidade e a radicalização do PTB na década de 1960. Reflexos no contexto atual – Mário José Maestri Filho
N. 282 A filosofia moral de Adam Smith face às leituras reducionistas de sua obra: ensaio sobre os fundamentos do indivíduo egoísta contemporâneo – Angela Ganem
N. 283 Vai, malandra. O despertar ontológico do planeta fome – Armando de Melo Lisboa
N. 284 Renda básica em tempos difíceis – Josué Pereira da Silva
N. 285 Isabelle Stengers No tempo das catástrofes. Quinze questões e um artifício sobre a obras – Ricardo de Jesus Machado
N. 286 O "velho capitalismo" e seu fôlego para dominação do tempo e do espaço – Luiz Gonzaga Belluzzo
N. 287 A tecnologia na vida cotidiana e nas instituições: Heidegger, Agamben e Sloterdijk – Itamar Soares Veiga
N. 288 Para arejar a cúpula do judiciário – Fábio Konder Comparato
N. 289 A Nova Previdência via de transformação estrutural da seguridade social brasileira – Marilinda Marques Fernandes
N. 290 A Universidade em busca de um novo tempo – Prof. Dr. Pe. Pedro Gilberto Gomes
N. 291 Tributação, políticas públicas e propostas fiscais do novo governo – Róber Iturriet Avila e Mário Lúcio Pedrosa Gomes Martins
N. 292 As identidades Chiquitanas em perigo nas fronteiras – Aloir Pacini
N. 293 Mudança de paradigma pós-crise do coronavírus – Fábio Carlos Rodrigues Alves
N. 294 O Mar da Unidade: roteiro livre para a leitura do Masnavi de Rûmî – Faustino Teixeira
N. 295 Função social da propriedade e as tragédias socioambientais de Mariana e Brumadinho: Um constitucionalismo que não é para valer – Cristiano de Melo Bastos
N. 296 O desassossego do leitor: subjetividades juvenis e leitura na contemporaneidade – Maria Isabel Mendes de Almeida
N. 297 Escatologias tecnopolíticas contemporâneas – Ednei Genaro
N. 298 Narrativa de uma Travessia – Faustino Teixeira
N. 299 Efeito covid-19: espaço liso e Bem Viver– Wallace Antonio Dias Silva
N. 300 Zeitgeist pós-iluminista e contrarrevolução cientificista na análise econômica– Armando de Melo Lisboa

N. 301 Educação, tecnologias 4.0 e a estetização ilimitada da vida: pistas para uma crítica curricular– Roberto Rafael Dias da Silva
N. 302 Mídia, infância e socialização: perspectivas contemporâneas - Renata Tomaz
N. 303 A colonialidade do poder no direito à cidade: a experiência do Cais Mauá de Porto Alegre - Karina Macedo Gomes Fernandes
N. 304 Ártico, o canário da mina para o aquecimento global - Flavio Marcelo de Mattos Paim
N 305 A transformação dos atores sociais em produção e recepção:trajeto empírico-metodológico de uma pesquisa - Aline Weschenfelder
N. 306 Impactos Ambientais de Parques Eólicos no Semiárido Baiano: do licenciamento atual a novas perspectivas - Rosana Batista Almeida
N. 307 História de José, O Carpinteiro,como narratividade de Esperança - Patrik Bruno Furquim dos Santos
N. 308 Violências, injustiças e sofrimento humano: o impacto das desigualda-des sociais nas percepções de Martín-Baró, Ricoeur e Nietzsche - Lina Faria e Rafael Andrés Patino
N. 309 Catadores de materiais recicláveis: novos sujeitos de direitos na construção da sustentabilidade ambiental - Mariza Rios e Giovanna Rodrigues de Assis
N. 310 A imagem do pobre nos filmes de Pasolini e Glauber como chave para compreender a ação do capitalismo - Vladimir Lacerda Santafé
N. 311 Aprendizados no campo da metodologia de orientação acadêmica - Faustino Teixeira
N. 312 O Desespero Inconsciente de Kierkegaard: melancolia, preguiça, vertigem e suicídio - Paulo Abe
N. 313 Os Direitos Humanos como parâmetro para as democracias contemporâneas: o caso brasileiro - José Dalvo Santiago da Cruz
N.314 Algoritmização da vida: a nova governamentalização das condutas - Castor M.M. Bartolomé Ruiz
N. 315 Capital e ideologia de Thomas Piketty: um breve guia de leitura - Alexandre Alves
N. 316 "Ecologia com espírito dentro": sobre Povos Indígenas, Xamanismo e Antropoceno - Nicole Soares Pinto
N. 317 A chacinagem dos chiquitanos - Aloir Pacini e Loyuá Ribeiro F. M. da Costa
N. 318 Mestre Eckhart: Deus se faz presente enquanto ausência de imagens e de privilégios - Matteo Raschietti
N. 319 Indígenas nas cidades: memórias "esquecidas" e direitos violados - Alenice Baeta
N. 320 Pindó Poty é Guarani! - Roberto Antonio Liebgott e Aloir Pacini
N. 321 Desbravar o Futuro. A antropotecnologia e os horizontes da hominização a partir do pensamento de Peter Sloterdijk - Rodrigo Petronio
N. 322 A Trajetória Metodológica Suscitadora de Jesús Martín-Barbero - Alberto Efendy Maldonado Gómez de la Torre
N. 323 O capitalismo de crise: lógicas e estratégias de dominação - Luiz Inácio Gaiger
N. 324 O trabalho humano no magistério do Papa Francisco - André Langer
N 325 Uma discussão acerca da liberdade da consciência humana: convergências e divergências entre Kierkegaard e Lutero - Heloisa Allgayer e Rafael Francisco Hiller
N. 326 Técnica e Ética no contexto atual - Oswalfo Giacoia Junior
N. 327 O amor ao próximo como categoria ética em Simone Weil - Ana Lúcia Guterres Dias
N. 328 Uma abordagem da filosofia de Miki Kiyoshi - Fernando Wirtz
N. 329 Yuval Noah Harari: pensador das eras humanas - Rodrigo Petronio
N. 330 O Mundo é um grande Olho que vemos e que nos vê - José Angel Quintero Weir
N. 331 A indecente hermenêutica bíblica de Clarice Lispector - João Melo e Silva Junior
N. 332 Juventudes e as "novas" expressões da participação política - Flávio Munhoz Sofiati

N. 333 A virosfera: aprendendo a viver com o desconhecido - Eben Kirksey
N. 334 Grupo Emaús. 48 anos de resistência e fé libertadora. Volume I - Edward Guimarães, Lúcia Ribeiro e Tereza Pompeia (org.)
N. 335 O Antropoceno e as ruínas da democracia: a condição humana como monstruosidade - Adriano Messias
N.336 Grupo Emaús. 48 anos de resistência e fé libertadora. Volume II - Edward Guimarães, Lúcia Ribeiro e Tereza Pompeia (org.)
N. 337 O Direito e o Avesso - Fábio Konder Comparato
N. 338 Sobre o mecanismo do terrorismo político-fascista: a violência estocástica da serpente do fascismo - Rudá Ricci e Luís Carlos Petry
N. 339 MESOCENO. A Era dos Meios e o Antropoceno - Rodrigo Petronio
N. 340 Religião, Direito e o Redobramento de Ideias - Colby Dickinson
N. 341 Usos do território e as cidades em transformação. Um olhar a partir da Geografia de Milton Santos - Marina Regitz Montenegro

UNISINOS